

A malograda passagem de Filipe II (de Portugal) por Portalegre, em 1619: o «recebimento» preparado

Manuel Barbosa*

Um Itinerário de Triunfos

A visita de Filipe II a Portugal no ano de 1619 deu azo, nas diversas vilas e cidades situadas no percurso feito pelo monarca, a uma grande mobilização de esforços tendentes a organizar-lhe uma condigna recepção de boas-vindas. A entrada no país deu-se pela fronteira do Caia, a 9 de Maio, a partir de Badajoz, e, até chegar a Lisboa, em finais de Junho, o rei teve recebimentos especiais nas cidades e vilas mais importantes como Elvas, Estremoz, Évora, Montemor e Almada. Na jornada de regresso, após uma passagem por Setúbal e Palmela, a comitiva deu a volta pelo norte, passando sucessivamente por Salvaterra, Almeirim, Santarém, Tomar, Tancos, Ponte de Sor, Alter do Chão, Arronches e Campo Maior, alcançando de novo Badajoz.

Esteve prevista a passagem do rei por Portalegre, como se depreende do seguinte passo da obra clássica sobre essa deslocação, escrita por Baptista Lavanha: «(...) D. Manrique da Silva, conde de Portalegre, seu Mordomo-Mor, com o bastão insígnia do seu ofício, que de Elvas se foi logo para Lisboa, e estivera aguardando à sua Majestade na Cidade de Portalegre, como Alcaide-Mor dela, por donde El-Rei tinha determinado de fazer seu caminho, que por justas causas o deixou e tomou o de Évora».¹

Do mesmo modo, no regresso, o rei não passou por Portalegre, embora a cidade se situasse bem perto do seu percurso. No entanto, quando o monarca entrou em Portugal, tudo se encontrava a postos em Porta-

* Assistente do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa.

¹ V. descrição da obra na nota 2. Este excerto surge na página 3.

legre para receber a comitiva real. É isto o que dá a entender o recebimento teatral organizado pelos Jesuítas frente à fachada da Igreja de Santa Maria (onde depois se ergueu o Convento de Santo Agostinho), conforme o testemunha o texto manuscrito que ocupa os fólhos 133v a 137v do códice 5447 da Biblioteca Nacional de Lisboa. De facto, só razões muito ponderosas e de última hora terão levado Filipe II a gorar as expectativas dos organizadores da celebração.

Portalegre era, naquela altura, uma próspera cidade cuja importância subira sobretudo no séc. XVI, e muito por influência de D. João III, que a elevou a cidade em 1550. Essa importância surge testemunhada, aliás, nestes mesmos festejos. Portalegre surge incluída entre as doze principais cidades do reino, representadas alegoricamente na pequena praça do Pelourinho, aquando da entrada aí de Filipe II. Cada cidade encontrava-se representada por uma estátua maior que o natural, com as chaves na mão, que ofereciam ao monarca. Para cada uma podia ler-se uma quadra identificadora. A de Portalegre era a seguinte:

«Sou Portalegre afamada
Por meu pano brando e fino
Visto o reino de contino,
E sou rica e abastada».

O facto de os Jesuítas aí terem instalado um colégio em 1605, tal como acontecera já com outras cidades como o Porto, Braga, Bragança, para não falar de Lisboa, Coimbra e Évora, que foram logo as primeiras, é indicativo da importância socio-económica de que Portalegre gozava então.

O recebimento testemunhado no texto que mais à frente editaremos, não seria certamente o único acto pensado para aquela ocasião festiva. À semelhança do que acontecera nas outras cidades, também ali se teria certamente preparado um arco de triunfo a erguer junto às portas da cidade, decorado com símbolos e mitos do mundo antigo, combinados com outros relacionados especificamente com as realidades locais. Era esta, na cultura renascentista, a forma de, em cada cidade, se saudar a chegada dum hóspede ilustre, através duma alegorização por vezes bastante intensa, melhor dizendo, barroca, cuja mensagem se saldava sempre no engrandecimento da pessoa do príncipe e do seu governo, através dum aparato triunfal que se diversificava consoante a especificidade de cada local. Dos sucessivos triunfos com que Filipe II se viu acolhido nas diversas cidades, com destaque para os de Lisboa, extremamente sumptuosos, ordenou o monarca que se fizesse um relato completo. Foi incumbido disso João Baptista Lavanha, seu cronista mor.²

² O precioso volume que daí resultou foi o seguinte: *Viagem da Catholica real Magestade del Rey D. Filipe II N. S. ao reyno de Portugal e rellação do solene recebimento que nelle se lhe*

A extensão e pompa dos festejos, com o prolongamento da estadia do monarca acompanharia a importância do local e o programa previamente estabelecido. Assim, em Évora, na altura a terceira cidade do país, importante centro de ensino, com universidade e colégio, ambos a cargo dos Jesuítas, a comitiva real deteve-se uma semana. Dos festejos realizados, Lavanha destaca o acolhimento junto às portas da cidade, ornamentadas com «pintura de fresco». Aí se resumia a história da cidade, nos seus santos e heróis. Entre os santos, figurava o seu primeiro Bispo, S. Mâncio; nos heróis, Sertório e Geraldo Sem Pavor. A visita ao colégio da Companhia incluiu discursos, disputas e a representação dum «diálogo de estudantes», designação genérica que não nos fornece indicações precisas quanto ao género e extensão da peça, o que só o texto em si nos poderia dar com toda a segurança. Presumimos que se terá tratado duma representação modesta, como o sugere a parcimónia da referência de Lavanha.

Em Lisboa, o acolhimento triunfal do rei exigiu uma preparação minuciosa e intensa que forçou a comitiva real a retardar a sua entrada na cidade «aguardando que se acabassem os triunfos». Cada classe profissional erguera o seu arco de triunfo, transformando a cidade num enorme teatro de alegorias falantes, um palco autêntico onde o rei se deu a ver aos seus súbditos em toda a plenitude do seu poder.

Duma espectacularidade monumental foi a representação em Lisboa, no Colégio de Santo Antão, da tragicomédia intitulada «el-rei D. Manuel conquistador do Oriente». Ela ocupou duas tardes, nos dias 21 e 22 de Agosto. Da sua magnificência, recheada de fausto e exotismo, dá Lavanha um testemunho bastante completo ao longo de cinco fólios da sua relação, onde nos inteira da riqueza do guarda roupa, da forma e das dimensões do teatro, e da natureza do cenário³.

fez. Sua magestade a mandou escrever por João Lavanha, seu cronista mayor. Madrid, por Thomas Iunti, impressor del Rei N. S., MDCXXII. Nas transcrições que faremos de excertos desta obra, apresentaremos o texto com ortografia actualizada.

³ Cf. *Ibidem*, fls. 67r-71v. Só para se ter uma pequena ideia sobre o ornato e aparato grandioso da tragicomédia, atente-se neste passo: «...as figuras que saíram no teatro passaram de 350 os animais, aves e monstros marinhos, mais de 40 estes com tanta propriedade representados, que puderam enganar aos que não haviam visto os naturais; não menor propriedade se guardou nos trajes das figuras, cuja riqueza foi inestimável, porque os brocados, as telas, os bordados, os diamantes, rubis, esmeraldas, safiras, e pérolas não tiveram número, figura houve que levou mais de mil diamantes, muitos deles de notável tamanho, outras tantas pérolas, 200 rubis, quatro mui grandes esmeraldas, uma coroa guarnecidas as suas pontas de muitos diamantes, e rubis, e a este respeito apareceram todas ornadas. O teatro tinha 145 palmos de comprido, e noventa de largo; destes ocupava 60 a cena, que a esta parte se arrimava...» – *Ibidem*, fl. 67r.

Portalegre: um triunfo por receber

Este protagonismo jesuítico, centrado no domínio do teatro, esteve a pontos de se repetir em Portalegre. Aqui, o espectáculo preparado, ao contrário do que sucedeu em Évora e Lisboa, não se inspira tanto nos géneros dramáticos tradicionais (tragédias, comédias ou tragicomédias), mas liga-se mais à ideia de festa que, no Renascimento, encontrava pretextos de expressão em ocasiões solenes, fossem estas nascimentos, baptismos, matrimónios ou ingressos na cidade de hóspedes ilustres, como é aqui o caso. A festa poderia assumir a forma dum banquete ou dum torneio. Neste caso ela assume a forma duma entrada triunfal⁴.

Dada a simplicidade e a brevidade desta acção cénica, como se depreende do texto, ter-se-á improvisado um teatro de dimensões modestas, certamente ajustadas à dimensão da fachada da Igreja frente à qual evoluiria a acção dramática. Esse teatro constaria essencialmente de um palco frente a um cenário que representava a Glória, donde saíam e regressavam personagens como a Alma de D. João III e as diversas ordens de Anjos.

De que forma estaria pensada a representação da Glória? O texto não nos dá quaisquer indicações, mas é de presumir que, tratando-se dum local que figurava frequentemente nos cenários preparados para os dramas jesuíticos, onde a vida de santos era tema frequente, tal representação obedeceria a um padrão mais ou menos fixo. Ela não seria, certamente, muito diferente da que figurava no cenário da já referida tragicomédia representada em Lisboa. Segundo o testemunho de João Lavanha, a Glória surgiria aí aos olhos dos espectadores como um grande céu azul envolvente, com algumas nuvens prateadas do meio das quais saía um esplendor dourado. Sob este esplendor dourado erguia-se um trono até onde se subia por degraus de nuvens⁵.

Em frente do palco, numa relativa proximidade, estaria reservado um espaço, talvez com lugares sentados, destinado ao rei, à sua comitiva e aos notáveis da cidade. Esta proximidade do palco decorre da acção dramática deste recebimento, que supõe a aspensão do rei com flores e com água-de-ângeles bem como o oferecimento duma palma, símbolo da vitória.

⁴ Cf. GIOVANNI ATTOLINI, *Teatro e spettacolo nel Rinascimento*, Roma-Bari, Laterza, 1988, p. 165.

⁵ Eis o texto de Lavanha sobre a representação da Glória: «... o do meio, que era uma fachada de Arquitectura, se dividia em três altos, no superior estava a representação de glória. Aparecia nela sobre o azul de que estava armada, nuvens de volantes de prata, em meio delas um grande resplendor de ouro, e abaixo do resplendor um trono de quatro degraus cobertos de nuvens, sobre as quais se viam catorze Anjos, oito no primeiro degrau,...» – *Ibidem*, fl. 67r. No final do genérico que apresentava a telenovela *Chica da Silva*, passada há pouco tempo na TVI e cuja acção remete para os tempos do barroco, surgia uma destas representações da Glória.

A acção tem como personagem de maior relevo, pela importância ideológica das suas palavras, a Alma do Rei D. João III. A sua mensagem, dirigida ao monarca ali presente em versos heroicos latinos, deveria ser declamada com grande solenidade, em dois momentos separados. Inicialmente e no intervalo agiriam os Anjos com cantos e danças; no final, entrava em cena um grupo de estudantes, igualmente cantando e dançando.

Na sua primeira intervenção, a Alma de D. João III, após saudar encomiasticamente o rei, congratula-se com a sua auspiciosa chegada à cidade («faustum / Gratulor aduentum...»), promete-lhe as maiores felicidades («feliciaque omnia semper / Polliceor...») e informa-o de que a Rainha dos Anjos, agradecida pela visita que o monarca fez ao seu templo, o vai deleitar com o agradável espectáculo da dança dos Anjos.

A segunda intervenção é, fundamentalmente, uma recomendação seguida da entrega ao rei da palma da vitória («uictricem... palmam») que do alto lhe é enviada para que triunfe sobre todos os seus inimigos. A recomendação é feita primeiro em favor dos Jesuítas («Hos... socios»), acolhidos em Portugal e extraordinariamente favorecidos por D. João III; em segundo lugar, a favor de Portalegre, elevada a cidade pelo mesmo rei; finalmente, a favor de todo o reino de Portugal, cujos inícios auspiciosos se referem aludindo ao célebre milagre de Ourique.

O tom elevado e solene deste discurso, cujo efeito principal era o de engrandecer a pessoa do monarca, é alimentado por um estilo que privilegia sobretudo ornamentos como a apóstrofe com epítetos engrandecedores («chare nepos», «ter magne Philippe», «regum Rex Maxime», «nepos auguste»). Transparece aqui a mística do triunfo, a mesma que transparecia na linguagem muda, mas de significado denso, dos arcos triunfais devidamente ornamentados, e nas estátuas alegóricas que, distribuídas, em estudadas combinações, teatralizavam o espaço urbano por onde passava o cortejo real.

Os dois momentos de actuação dos Anjos, preenchidos com cantos e danças, caracterizam-se assim: no primeiro, logo a abrir o espectáculo, far-se-ia em português um convite ao rei, em duas quadras de redondilha maior, para que se detivesse e prestasse atenção à acção prestes a representar-se; no segundo, colocado entre as duas intervenções da Alma de D. João III acabadas de referir, aspergir-se-ia o rei, primeiramente com flores e depois água-de-ângeles, ao som de cantos e danças, repetindo-se de cada vez um refrão latino sob a forma de dístico elegíaco, inicialmente proclamado pela guia dos Anjos.

O derradeiro momento da encenação deste recebimento seria protagonizado em palco por um grupo de estudantes que, em dança muito animada ao som de pandeiros⁶, cantaria ao rei as boas-vindas, em três qua-

⁶ Será este o significado, no texto, do termo «folia». Cf. *Dicionário de Moraes*.

dras, e, noutras três, lhe daria outros tantos «vivas». Todas estas quadras, com excepção da segunda dos «vivas», toda ela de pentassílabos, alternavam versos deste tipo com tetrassílabos.

Do pouco que fica dito, pode concluir-se que este recebimento teatralizado apresenta uma feliz e significativa combinação de 2 acções bem diversas: uma, de cariz popular, utiliza a língua vernácula (o romance) nas suas formas mais vulgarizadas de expressão poética; a outra, de cariz elevado e solene, recorre à língua latina e a um metro épico, num discurso cheio de ornatos. As palavras solenes proferidas pela Alma de D. João III, bem como o dístico proclamado pela guia dos Anjos, sancionam e celebram, a partir do alto, a autoridade e o poder do Rei sobre os seus humildes súbditos; estes, com suas danças e cantares, acompanhados por instrumentos populares, aceitam na terra esse poder legitimado pelo Céu.

A aceitação da soberania do monarca espanhol não seria pacífica entre o povo, nem nunca o terá sido. Porém, num momento como aquele, seria impensável exprimir qualquer rebeldia latente, a não ser por uma quase imperceptível ironia que se deixasse dar a entender no jogo dos ordinais «segundo» e «terceiro», presentes nas quadras dos «vivas». Mais tarde, essa eventual ironia escondida recebeu uma expressão inequívoca nas duas últimas quadras que, registadas num tipo diferente de letra, remetem para um tempo posterior, o da restauração da independência, onde os sentimentos patrióticos deixaram de estar amordaçados. Tal como aí se afirma que «com tantos vivos enfim morreu», a propósito desta exclusão de Portalegre do seu itinerário de triunfos, quase se pode dizer, com alguma ironia também, que depois de tantos triunfos na entrada, teve saída sem triunfo.

O Texto do Recebimento

Nota prévia: Em relação ao texto manuscrito, modernizámos a ortografia e a acentuação e normalizámos o uso das capitais. As falas (ou cantos) das personagens vão em itálico.

oOo

BNL, *Cod. 5447*, fls. 133v-137v:

«RECEBIMENTO PARA EL-REI FILIPE III PASSANDO À
VISTA DA IGREJA DE SANTA MARIA DA COMPANHIA DE
JESUS NO ANO DE 1619, NO MÊS DE MAIO, EM PORTALEGRE»

Chegando o rei à vista se abria a Glória, começavam a descantar os Anjos de dentro com m[otet]os, e vários instrumentos, e entretanto iam descendo 9 Anjos, que haviam de dançar, e dois que haviam de tanger a dança, afora a guia que também tangia. Após estes saíam três Anjinhos. O do meio levava as armas de Portugal, e os das ilhargas, um o ceptro, outro a coroa. E de trás ia a alma de el-rei D. João, o terceiro, que por ser o que fez Portalegre cidade e pai da Companhia, mandou a Rainha dos Anjos sua alma para dar os [134r] parabéns da chegada a el-rei Filipe e lhe agradecer querer logo, em entrando na cidade, passar pelo seu templo, e lhe encomendar a mesma cidade, Companhia, etc. E juntamente mandou uma dança de Anjos, que festejassem a chegada e passagem do rei.

Mas primeiro que falasse a alma do rei, 3 Anjos à viola e rebeca cantavam por modo de loa e prólogo os dois pés de romance seguintes:

*Escutai grande Filipe
Os parabéns da chegada
Que a Rainha dos Anjos
Deste seu templo vos manda*

*Parai um pouco ouvireis
Sua solene embaixada
Que por vos dar alegria
Acaba em celeste dança.*

[134v]

Acabando de cantar estes dois anjos, começa a Alma do rei a falar com el-rei Filipe da maneira seguinte:

*«Salve, chare nepos: Salve, ter Magne Philippe,
Lysiadum communis amor, columenque meorum.
Sidereis delapsa plagis, augusta Ioannis
Adsum anima ingentis, coluit quem Lysia regem
Nominis extremum, regumque ter ordine quintum
Oratrix caeli reginae, quae colit aedem
Quam spectas, uenio: cuius tibi nomine faustum
Gratulor aduentum, feliciaque omnia semper
Polliceor, prolique tuae, rebusque tuorum:
Illius quoniam uoluisti uisere templum,*

[134v-136r]

*Cum primum urbanae penetrasti limina portae;
Idcirco aligeros tibi terno ex ordine mittit,
Qui tua festiuo delectent lumina saltu.»⁷*

⁷ «Salve, neto querido, salve Filipe, três vezes grande, amor comum e sustento dos meus Lusíadas. Descida das regiões siderais, apresento-me: sou a Alma augusta do grande João, o

Aqui começam os Anjos a dançar as Vaias, [135r] 4 com dois cestinhos de prata cheios de várias flores, e outros quatro com suas almaraxas de água-de-ângeles nas mãos. Depois de darem uma volta ao teatro, se vinham pôr no mesmo lugar donde começavam, dando três voltinhas primeiro que parassem: e ficando nas primeiras duas virados para el-rei Filipe, na 3.^a ficavam com os rostos uns para os outros, e assim ficavam também nas outras mais voltas.

Depois de pararem, a guia que estava no meio, convidava os Anjos dos cestinhos a que borrifassem o rei com flores, para que sempre florescesse em seu império, com este dístico:

*«Aligeri uario conspergite flore Philippum,
Semper ut império floreat ille suo.»⁸*

Eles que no fim da 3.^a voltinha tinham mudado os cestinhos das mãos direitas [135v] para as esquerdas, com as direitas tomavam as flores, e à pancada no «conspergite», e no «floreat» lançavam flores para onde estava o rei. Este dístico repetiam duas vezes cantando os Anjos da Glória, e os da dança iam entretanto dançando, e à pancada lançavam flores no «conspergite» e no «floreat», o qual «floreat» se repetia 3 vezes na música, e em cada uma, os que dançavam davam sua voltinha lançando flores.

Depois de cantarem, e dançarem no primeiro dístico, a guia virava-se para os Anjos das redominhas de água-de-ângeles e os convidava a que borrifassem o rei para lançar fora a calma e o pó do caminho com o dístico seguinte:

[136r]

*«Angelico, Superi, perfundite rore Philippum
Vt queat aestiuæ pellere damna uiaæ.»⁹*

No «perfundite» e no «pellere» lançavam os Anjos à pancada a água para onde estava o rei, o qual verso se repetia cantando e dançando da mesma maneira que o primeiro, ficando os Anjos na derradeira voltinha que deram virados para o rei.

último deste nome e, na série dos reis, o décimo quinto a quem Lísia venerou. Eu venho como intercessora da Rainha do Céu, que habita o templo que estás olhando. Em seu nome congratulo-me com a tua auspiciosa chegada e prometo-te as maiores felicidades sempre, não apenas à tua prole, mas também aos negócios dos teus. Uma vez que quiseste visitar o seu templo mal transpuseste as portas da cidade, por essa razão ela te envia os seus Anjos alinhados em três filas, os quais, com danças festivas, deleitarão teus olhos».

⁸ «Anjos, aspergi Filipe com flores de vária espécie, para que em seu império ele seja bem sucedido».

⁹ «Ó Deuses, borrifai Filipe com orvalho dos Anjos, para que consiga afastar os incómodos duma jornada estival».

Acabando de dançar os Anjos, a alma de el-rei D. João, antes que torne para a Glória, encomenda muito ao rei a Companhia que ele sempre trouxe nos olhos, e a Portugal e a Portalegre, que ele fez cidade, e todo o reino. E finalmente deixa ao rei uma palma que a Rainha dos Anjos lhe manda, com que alcance vitória de todos seus inimigos, dizendo os [136v] versos seguintes:

*«Ante tamen repetam quam sydera, dulcis Iesus
Hos tibi commendo socios, quos pectore semper
Luminibusque tuli, primusque in regna uocauit,
Qui stant ad nutum toto tibi semper in orbe.
Hos etiam muros, urbis queis nomine feci:
Commendo nimirum totum tibi denique regnum
Arma, quibus domuit moriens Acherontia Cristus
Castra, dedit primo Alphonso pro stemmate regni
Queis fudit Mauros quinque in certamine Reges.
Sed tibi uictricem, regum Rex Maxime palmam
Coelicolum Regina polo demittit ab alto,
Qua referas claros quocumque ex hoste triumphos
Iamque nepos auguste, vale: uale chare Philippe».*¹⁰

Ditos estes versos se recolhia a alma do rei com os Anjos para a Glória, pela mesma ordem como dela desceram. [137r] Saía logo uma folia de nove estudantes excelentes, com 4 violas e 4 pandeiros, e seu tambor, cantando a letra seguinte, em que davam as boas-vindas ao rei:

*Venha embora, venha
Nosso monarca,
Venha, venha embora
A Lusitânia*

*Venha com os Anjos
O Grão Filipe,
Que aqui lhe fizeram
Festa sublime.*

*Venha e cá nos fique
Nosso monarca. Etc.*

¹⁰ «Antes, porém, que ao Céu me torne, encomendo-te, doce Jesus, estes companheiros que sempre trouxe no coração e nos olhos e que fiz vir pela primeira vez para estes reinos. Eles encontram-se totalmente disponíveis para ti em toda a terra. E (encomendo-te) também estas muralhas que fiz erguer, em nome da cidade; encomendo-te, por fim, todo o reino. As armas com que Cristo, ao morrer, venceu os exércitos do Aqueronte, Ele as deu ao primeiro Afonso, como insígnia do reino. Com elas venceu em combate os cinco reis mouros. Mas para ti, ó rei, de todos o maior, a Rainha dos Anjos envia-te do alto do céu a palma da vitória. Com ela obterás grandes triunfos sobre qualquer inimigo. E sem mais, venerável neto, adeus; passa bem, querido Filipe».

E por remate lhe davam uns vivas, com a letra seguinte:

*Viva o Grão Filipe
Senhor do mundo
Que com ser terceiro
Não tem segundo.*

[137v]

*Viva o rei que a terra
Com seu mando abarca,
E no porto alegre
Hoje desembarca*

*Viva o gram monarca
Senhor do mundo
Que com ser terceiro
Não tem segundo.*

*Mas com tantos vivas
Enfim morreu:
Era mui bom homem,
Deus lhe dê o Céu.*

*Esse gram monarca
Está no outro mundo
E foi o terceiro
Atrás do segundo.¹¹*

¹¹ Estes últimos oito versos, surgem no códice registados com um tipo de letra diferente.